

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Fábulas de Esopo

Tradução

Manuel Mendes da Vidigueira



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Esopo

Fábulas

Tradução
Manuel Mendes da Vidigueira

Revisão gráfica e atualização ortográfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1848.

Esopo
(620 ? – 564 ? a.C.)

Manuel Mendes da Vidigueira
(1603 – 1643)

“Projeto Livro Livre”

Livro 532



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor grego Esopo: “*Fábulas de Esopo*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

ÍNDICE

VIDA DE ESOPHO.....	1
O GALO E A PÉROLA.....	5
O LOBO E O CORDEIRO.....	5
O LOBO E AS OVELHAS.....	6
ANDORINHA E OUTRAS AVES.....	7
O RATO E A RÃ.....	7
O LADRÃO E O CÃO DE CASA.....	8
O CÃO E A CARNE.....	8
A MOSCA SOBRE A CARRETA.....	8
O CÃO E A IMAGEM.....	9
O LEÃO, A VACA, A CABRA E A OVELHA.....	9
O CASAMENTO DO SOL.....	10
O HOMEM E A DONINHA.....	10
A BUGIA E A RAPOSA.....	11
JUNO E O PAVÃO.....	11
O LOBO E O GROU.....	12
AS DUAS CADELAS.....	12
O HOMEM E A COBRA.....	13
O ASNO E O LEÃO.....	13
O RATO CIDADÃO E O MONTESINO.....	14
A ÁGUIA E A RAPOSA.....	14
O GALO E A RAPOSA.....	15
O BEZERRO E O LABRADOR.....	15
O LOBO E O CÃO.....	16
OS MEMBROS E O CORPO.....	16
A ÁGUIA E A COREXA.....	17
A RAPOSA E O CORVO.....	17
O LEÃO E OS OUTROS ANIMAIS.....	18
AS RÃS E JÚPITER.....	18
AS POMBAS E O FALCÃO.....	19
O PARTO DA TERRA.....	19
O GALGO VELHO E SEU AMO.....	20
AS LEBRES E RÃS.....	20
O LOBO E O CABRITO.....	21
O CERVO, O LOBO E A OVELHA.....	21
A CEGONHA E A RAPOSA.....	22
A GRALHA E OS PAVÕES.....	22
A FORMIGA E A MOSCA.....	22
A RÃ E O TOURO.....	23
O CAVALO E O LEÃO.....	23
AS AVES E O MORCEGO.....	24

O CAVALO E O ASNO.....	24
O FALCÃO E O ROUXINOL.....	25
AS ÁRVORES E O MACHADO.....	25
O ASNO E O MERCADOR.....	26
O RATO E A DONINHA.....	26
A RAPOSA E AS UVAS.....	27
O PASTOR E O LOBO.....	27
O ASNO E A CACHORRINHA.....	28
O LEÃO E O RATO.....	28
O POMBO E SUA MÃE.....	29
A PORCA E O LOBO.....	29
O VELHO E A MOSCA.....	29
O CORDEIRO E O LOBO.....	30
O HOMEM POBRE E A COBRA.....	30
O BUGIO, O LOBO E A RAPOSA.....	31
A FAIA E A CENOURA.....	31
A FORMIGA E A CIGARRA.....	32
O CAMINHANTE E A ESPADA.....	32
O ASNO E O LEÃO.....	33
A GRALHA E A OVELHA.....	33
O BOI E O VEADO.....	34
O HOMEM E O LEÃO.....	34
O LOBO E A RAPOSA.....	35
O LEÃO E OUTROS ANIMAIS.....	35
O VEADO E O CAÇADOR.....	35
A LOMBRIGA E A LIMA.....	36
OS CARNEIROS E CARNICEIRO.....	36
O LOBO E O ASNO DOENTE.....	37
A PULGA E O CAMELO.....	37
O CAÇADOR E AS AVES.....	38
O CERVO E O CAVALO.....	38
O BILTRE E MAIS PÁSSAROS.....	39
A RAPOSA E O LEÃO.....	39
O CARNEIRO GRANDE E OS PEQUENOS.....	40
O LEÃO E O HOMEM.....	40
A PANELA DE BARRO E A DE COBRE.....	41
O ÁSPIDE E SEU HÓSPEDE.....	41
O CÃO E SEU DONO.....	41
A RAPOSA E A DONINHA.....	42
A NORA E A SOGRA.....	42
O ASNO E A COBRA.....	43
O CORVO E O ESCORPIÃO.....	43
O LADRÃO E O ANJO.....	44
A LOMBRIGA E O CABRITO.....	44

A RAPOSA E O LEÃO.....	44
HÉRCULES E OS PIGMEUS.....	45
O CAÇADOR E A LOMBRIGA.....	45
A CIGARRA E A ANDORINHA.....	46
O SOLDADO E O PÍFANO.....	46
O HOMEM E A BURRA.....	47

VIDA DE ESOPPO

Esopo, Fabulador antigo e famosíssimo, segundo as mais opiniões foi natural de Frigia, Província de Ásia. As feições do corpo eram mais monstruosas que humanas, porque além de ter o rosto feio e deforme, o corpo pequeno, a cabeça grande e fora de proporção, era zambro, corcovado e sobre tudo tartamudo. Mas como a natureza a cada um deu particular dote, foi Esopo dotado de tão agudo engenho, que com a alteza dele se lhe apagaram bastantemente todas as faltas corporais.

Sendo cativo por Gregos, veio a Atenas, onde servia a um Cidadão rico, por nome Aristes, com outros em uma horta de cavar e adubiar: onde como todos o maltratassem e desprezassem, e o maioral dos trabalhadores lhe desse muitas pancadas, queixava-se Esopo, dizendo que faria queixumes daquele agravo a seu senhor Aristes, e de outros crimes que no maioral tinha notado, o qual com este medo se adiantou, e persuadiu a Aristes, que para quietação de seus escravos tirasse a Esopo de entre eles, e que o vendesse. Fê-lo Aristes assim, e o vendeu a um mercador grosso forasteiro, que uma casa, onde tinha outros muitos, que, quando o viram, tiveram asco de andar em sua companhia. Um dizia que era bom aquele escravo para fazer calar meninos, outros que para servir em casa de homem cioso, e outras muitas cousas desta maneira.

Acaso mandaram em presente ao mercador um prato de figos formosos, que ele estimou por serem fora de tempo, e mandou-os pôr a bom recado, para comer em princípio do jantar. Três escravos tentados da gula se conjuraram para comerem os figos, e porém a Esopo a culpa, crendo que culpado por três testemunhas não poderia defender-se. Assim os comeram com muita festa, zombando do pobre inocente, que com açoites os havia de pagar. Chegada a hora de comer, pediu o Senhor os figos, e foi-lhe respondido (como tinham concertado) que Esopo os comera todos. Indignou-se o Senhor, e chamando-o lhe disse: Animal feio e bruto, que atrevimento foi o teu em comeres os figos, que mandei guardar para mim? E com isto o mandou despir para ser açoitado. O pobre Esopo não sabendo que fizesse, porque a língua não o deixava desculpar em breve, e a cólera do Senhor não dava tréguas nem espaço, remeteu com uma panela de água, que acaso estava ao fogo, e bebendo quantidade dela muito quente, meteu os dedos na boca, com que revolveu o estômago, e a tornou a lançar clara, mostrando estar em jejum, com o qual feito desmentiu seus acusadores. Maravilhado o Senhor desta indústria, e vendo sua inocência, obrigou os outros a que fizessem o mesmo, e como se cumprisse, os que comeram figos, os vomitaram com a água juntamente, e foram por isso, e pelo falso testemunho castigados.

Convinha ao mercador partir-se dali três jornadas, onde se havia de embarcar para a ilha de Samos, e faltando-lhe bestas de carga, foi forçado repartir o fato

pelos escravos. Mas como Esopo era pequeno e fraco, deu-lhe a escolher a carga, que se atrevesse a levar. Era o mais pesado fardo de todos uma canastra grande cheia de mantimento, a qual ele escolheu, rindo-se todos, e cuidando que não poderia levá-la: partiram seu caminho, e como no fim da primeira jornada comessem, aliviaram um pedaço a canastra, com que ficou igual dos outros; mas ao segundo dia a despejaram de todo, e levando-a vazia, conheceram todos o seu erro, e a manha discreta, com que Esopo escolheu a carga.

Embarcou-se o mercador, e chegou a Samos, onde pôs sua fazenda em almoeda, e os escravos juntamente. Estavam em uns alpendres, onde a feira se fazia, Esopo com dois companheiros, e ninguém fazia dele caso para o comprar, inda que muitos o olhavam por riso. Chegou um Cidadão, e perguntou a um dos companheiros que sabia fazer para o comprar? Respondeu-lhe: Senhor, tenho muitas partes, sei pensar cavalos bem, e servir em tudo o de casa, sou grande hortelão e bom lavrador, e em toda a cousa de campo ninguém me fará vantagem; também sou bom ferrador, alveitar, e entendo de ferreiro. Com isto chegou a outro, e perguntou-lhe o mesmo, respondeu: Eu, Senhor, sou destro em todas as cousas necessárias, e nenhuma me mandaram fazer, a que não dê bom expediente. Correndo mais adiante, perguntou a Esopo que sabia? Respondeu: Eu nada sei, porque como meus parceiros tomaram o saber de tudo, não me ficou que saber a mim. Disto riram muito todos os presentes, e um Filósofo, por nome Xanto, que ali passeava, o comprou e levou para sua casa: o qual como um dia com seu novo escravo fosse passear por uma horta, o hortelão lhe fez esta pergunta: Dizei-me, Senhor, que razão há para que cresçam e sejam sempre viçosas as ervas, que esta terra cria, e as que eu semeio, cavo, rego e adubo, se murchem mais prestes, e frutifiquem menos. Ficou atalhado o Filósofo, e não soube responder; o que Esopo vendo, lhe disse de parte, que ele satisfaria à pergunta, por tanto que lhe cometesse a cargo o dar resposta; então o Filósofo disse contra o hortelão: Não é dúvida essa para se pôr a um homem como eu, este escravo, que aqui vem, responderá a ela; e logo lhe mandou que respondesse. A razão da dúvida, disse Esopo, é esta: As ervas, que a terra voluntariamente produz, são filhas suas, e como tais as cria e conserva; as que vós semeais são enteadas, que a madrasta nunca com tanto gosto as alimenta: por tanto não é de espantar, se nos próprios filhos se enxerga vantagem no mimo, e criação diferente dos enteados. Satisfez-se o hortelão, e espantou-se o Filósofo do engenho e agudeza do criado.

Tinha Xauto muitos discípulos, homens graves, e costumavam uns a outros banquetear-se. Quis Xanto dar-lhes um banquete, e porque tinha a mulher áspera, e pouco afeiçoada a obedecer-lhe, nem querer agasalhar os hóspedes, depois de comprar o necessário, encarregou a Esopo de concertar a casa e a mesa. Aconteceu que chegando-se as horas da ceia começou ele a preparar seu aposento, e com muita limpeza, ordenou a mesa, e pôs nela algumas cousas,

antes que os convidados viessem, nem seu amo. Era tempo frio, e havia na casa um braseiro grande com fogo, ao qual a mulher chegou aquecer-se carregada e de mau semblante, e encostou-se ao longo dele, com as costas para brasa. Esopo lhe pediu quisesse olhar para a mesa, não lha descompusesse algum cão ou gato; ela disse que o faria: segunda vez lhe rogou o mesmo, e que virasse o rosto para ver; do que ela indignada respondeu, que andasse em má hora, e não fosse importuno, que também tinha os olhos detrás. Calou-se Esopo, foi-se, e tornando daí a pedaço, como a achasse dormindo, mansamente descobriu o lugar, em que ela disse que os olhos estavam. Não tardou muito Xanto com seus hóspedes, que entrando no aposento viram muito bem quanto mal composta a mulher estava, e ficou afrontado o Filósofo, e perguntando a causa a Esopo, ele lhe contou o que se sara de que se indignou mais; e acordada a senhora, se foi muito vergonhosa, e com grande ódio contra Esopo.

Corridamente agasalhou Xanto seus discípulos, e logo propôs de lançar de casa Esopo: mas sendo convidado deles outra vez, e ceando largamente, como se esquentasse com o vinho mais do necessário, começou a falar demasias, e entre elas afirmou que beberia o mar todo: contradisseram os discípulos, e ele porfiou, até que apostaram grande soma de dinheiro, e Xanto deu de sinal o seu anel. Ao outro dia, resfriado já do furor, achou o anel menos, e perguntou por ele. Respondeu Esopo: Como Senhor, não vos lembra que o destes ontem de sinal sobre a aposta que fizestes de beberdes o mar todo? Como é possível, disse Xanto, que eu fizesse tal proposta, quem pode beber o mar? Isso não sei, disse Esopo, mas vós apostastes. Ficou Xanto confuso da aposta que fizera, sem lhe poder achar saída, até que Esopo vendo-o tão triste, lhe disse: Senhor, não vos agasteis, descansai, que eu vos tirarei dessa afronta, e farei que ganheis o dinheiro. Alegrou-se com isto Xanto, e vindo o dia limitado, vieram os discípulos a dizer-lhe que cumprisse o que ficara, ou dando-se por vencido pagasse o dinheiro. Xanto respondeu que era contente, e informado por seu escravo do que havia de fazer, se foi com eles à borda do mar, onde pusera a mesa e copos, estando em roda a gente toda da Ilha, que se abalou a ver maravilha tamanha, como era querer um homem recolher o mar em seu estômago. Prestes todo o necessário, começou Xanto a falar ao povo, dizendo: Varões de Samos, eu apostei com estes discípulos que havia hoje de beber este mar todo; respondam eles se é verdade, e se bebendo-o eu, cumprirei o prometido, e eles se darão por vencidos? Todos responderam que sim. Disse então Xanto: Pois que assim é, e eu fiquei de beber o mar, prestes estou a cumpri-lo; mas eles não de cerrar primeiro todos o rios, que no mar entram, e entupir-lhes as bocas, porque eu me obriguei a beber o mar, mas não a multidão de rios, que entram nele; por tanto se querem que eu cumpra o que fiquei, é forçoso que eles primeiro impediam a corrente de quantos rios fazem para aqui seu curso. Não souberam responder os discípulos a isto, e o povo louvou muito a resposta do Filósofo, e todos o deram por livre da aposta, e tornou para casa mais acreditado que dantes. Outros muitos casos sucederam a Esopo com Xanto, que deixo por

brevidade, até que veio a ser livre, e governar a Samos, onde compôs em língua grega este volume de Fábulas.

Depois, como o Rei Creso de Lidia quisesse conquistar Samos, por seu conselho e indústria se defenderam os vizinhos muito tempo: porém vendo-se muito apertados, e que Creso oferecia a paz, se lhe entregassem Esopo; deram-lho, ainda que Creso não guardou depois palavra, como Esopo antes tinha adivinhado, e logo os pôs em sujeição. Não quis Creso matar a Esopo, antes o tinha em sua casa favorecido, porque se ajudava muitas vezes de seu conselho e habilidade.

Viveu Esopo em Lidia muito favorecido, e depois correu toda a Grécia, onde lhe sucederam vários casos, que aqui se não contam. Mas em todas as partes, por sua fama e sabedoria o veneraram, só em Delfos não usaram com ele esta cortezia e primor. E conhecendo ter errado, porque ele não os afrontasse infamando-os e divulgando em Grécia sua descortesia, determinaram matá-lo, e acrescentando um mal a outro, lhe levantaram certo falso testemunho, porque o condenaram a ser despenhado: e com muita brevidade, sem lhe valer alegar sua inocência, foi posto sobre o cume de uma alta roca, e lançado dali, chegou a baixo em mil pedaços. Todas as Cidades gregas sentiram muito a sua morte, e pouco tardou que Delfos foi destruída em vingança, segundo dizem, desta injustiça e traição.

O GALO E A PÉROLA

Andava o Galo esgravatando no monturo, para achar migalhas ou bichos que comer, e acertou de descobrir uma pedra, então: Ó Pedra preciosa, ainda que em lugar sujo, se agora te achara um discreto Lapidário, te recolhera; mas a mim não me prestas: mais caso faço de uma migalha, que busco para meu sustento, ou dois grãos de cevada. Dito isto, a deixou, e foi por diante esgravatando para buscar conveniente mantimento.

MORAL DA HISTÓRIA:

Os néscios, desprezando os documentos proveitosos e doutrina moral, que debaixo das Fábulas se encobre, fazem o que fez este Galo; buscam cousas baixas, cevada e migalhinhas; convém a saber, a casca das cousas, e as histórias deste Livro, e desprezam a pedra preciosa da doutrina, que nelas Esopo nos quis ensinar. Para que nós não sejamos do número destes, vamos de cada Fábula tirando uma lição moral, tocante ao bom governo de nossa vida.

O LOBO E O CORDEIRO

Estava bebendo um Lobo encarniçado em um ribeiro de água, e pela parte debaixo chegou um Cordeiro também a beber. Olhou-o o Lobo de mau rosto, e disse reganhando os dentes: Porque tiveste tanta ousadia de me turvar a água, onde estou bebendo? Respondeu o Cordeiro com humildade: A água corre para mim, por tanto não posso eu torvá-la. Torna o Lobo mais colérico a dizer: Por isso me hás de praguejar? Seis meses haverá que me fez outro tanto teu Pai. Respondeu o Cordeiro: Nesse tempo Senhor, ainda eu não era nascido, nem tenho culpa. Sim tens, replicou o Lobo, que todo o pasto de meu campo estragaste. Mal pode ser isso, disse o Cordeiro, porque ainda não tenho dentes. O Lobo, sem mais razões, saltou sobre ele, e logo o degolou e o comeu.

MORAL DA HISTÓRIA:

Claramente mostra esta Fábula que nenhuma justiça, nem razões valem ao inocente, para o livrarem das mãos do inimigo poderoso e desalmado. Poucas Cidades ou Vilas há, onde não haja estes Lobos, que sem causa, nem razão, matam ao pobre, e lhe chupam o sangue, só por ódio ou má inclinação.

O LOBO E AS OVELHAS

Havia guerra travada entre Lobos e Ovelhas; e elas, ainda que fracas, ajudadas dos rafeiros, sempre levavam o melhor. Pediram os Lobos paz, com condição que dariam de penhor seus filhos, e as Ovelhas que também lhes entregassem os rafeiros. Assentadas as pazes com estas condições, os filhos dos Lobos uivavam rijamente. Acodem os Pais, tomam isto por achaque de ser a paz quebrada; e tornam a renovar a guerra. Bem quiseram defender-se as Ovelhas; mas como sua principal força consistia nos rafeiros, que entregaram aos Lobos, facilmente foram deles vencidas e todas degoladas.

MORAL DA HISTÓRIA:

Ensina esta Fábula que ninguém entregue as armas a seus inimigos, antes tenha a paz por suspeitosa, quando com sob cabeça dela lhes pedem, e receie de ser tomado às mãos como as Ovelhas. Também nos avisa quanto perigo é meter em casa inimigos, ou filhos de inimigos, como fizeram as Ovelhas, que querendo estar mais seguras com terem os filhos dos lobos em casa, eles foram a causa da sua destruição.

O REI DOS BUGIOS E DOIS HOMENS

Caminhavam dois companheiros; tendo perdido o caminho, e depois de terem andado muito, chegaram à terra dos Bugios. Foram logo levados ante o Rei, que vendo-os lhes disse: Na vossa terra, e nessa por onde vindes, que se disse de mim e do meu Reino? Respondeu um dos companheiros: Dizem que sois Rei grande de gente sabia e lustrosa. O outro, que era amigo de falar verdade, respondeu: Toda vossa gente são Bugios irracionais, forçado é que o rei também seja Bugio. Como isto ouviu o Rei, mandou que matassem a este, e ao primeiro fizessem mimos e tratassem muito bem.

MORAL DA HISTÓRIA:

Verifica-se nesta Fábula o que diz Terêncio, que a verdade causa ódio, e falar à vontade ganha amigos. Com o Rei néscio não medram sábios nem virtuosos, senão chocarreiros e lisonjeiros; e daqui vem no mundo, que de ordinário os bons são sopeados e obedecem aos maus, que o Rei Bugio tem ódio a quem o desengana, e o que mente, como aqui fez o primeiro companheiro, este só é favorecido.

ANDORINHA E OUTRAS AVES

Semeavam os homens linho, e vendo-os a Andorinha, disse aos outros pássaros: Por nosso mal fazem os homens esta seara, que desta semente nascerá linho, e farão dele redes e laços para nos prenderem. Melhor será destruímos a linhaça e a erva que dela nascer, para que estejamos seguras. Riram-se as Aves deste conselho, e não quiseram tomá-lo. O que vendo a Andorinha, fez pazes com os homens, e se foi viver em suas casas. Eles fizeram redes e instrumentos de caça, com que tomaram e prenderam todos os pássaros, tirando só a Andorinha, que ficou privilegiada.

MORAL DA HISTÓRIA:

Na Andorinha se denota o homem prudente, que fica livre dos trabalhos, se os adivinha antes que venham: e os que querem viver a seu gosto, sem tomarem conselho, nem preverem o mal, que está por vir, são caçados, e pagam sua ignorância pelo corpo.

O RATO E A RÃ

Desejava um Rato passar um rio, e temia por não saber nadar. Pediu ajuda a uma Rã, a qual se ofereceu de o passar, se se atasse ao seu pé. Consentiu o Rato, e tomando um fio, se atou pelo pé, e na outra ponta atou o pé da Rã. Saltaram ambos na água, mas a Rã com malícia trabalhava por se mergulhar, para que o Rato se afogasse. O Rato fazia por sair para fora, e ambos andavam neste trabalho e fadiga. Passava um falcão por cima, e vendo o Rato sobre a água, se abateu pelo levar, e levou juntamente a Rã, que estava atada com ele, e no ar os comeu ambos.

MORAL DA HISTÓRIA:

Nesta Rã, e sua morte, se vê o que ganham os maus, quando armam traição contra quem se fia deles; porque quase sempre caem no mal, que a outrem ordenam; e se o inocente morre, não escapam eles do castigo merecido; que quando se livrarem do temporal, caíram depois da morte em outro mais para temer.

O LADRÃO E O CÃO DE CASA

Querendo um Ladrão entrar em uma casa de noite, para a roubar, achou à porta um cão que com ladridos o impedia. O cauteloso Ladrão, para o apaziguar, lançou-lhe um pedaço de pão. Mas o cão disse: Bem entendo que me dás este pão porque me cale, e te deixe roubar a casa, e não por amor que me tenhas: porém já que o dono da casa me sustenta toda a vida não deixarei de ladrar, se não te fores, até que ele acorde, e te venha estorvar. Não quero que este bocado me custe morrer de fome toda a minha vida.

MORAL DA HISTÓRIA:

Quem se fia em palavras lisonjeiras, ou em dádivas falsas, acha-se no fim enganado. Mas quem tem por suspeitosas as mercês e palavras do lisonjeiro cobiçoso, (como este cão teve as do ladrão) não se deixa enganar, e é leal ao senhor de quem recebe mercês, como ele foi sempre a seu amo.

O CÃO E A CARNE

Levava um Cão na boca um pedaço de carne, passava com ela um rio, e vendo no fundo da água a sombra da carne maior, soltou a que levava nos dentes, por tomar a que via dentro na água. Porém como o rio levou para baixo com sua corrente a verdadeira, levou também a sombra, e ficou o Cão sem uma e sem outra.

MORAL DA HISTÓRIA:

Este Cão significa o cobiçoso, que muitas vezes, por haver maiores interesses, arrisca o seu, e perde tudo; por onde diz bem o provérbio: Mais vale pássaro em mão, que abutre voando.

A MOSCA SOBRE A CARRETA

Sobre um carro de mulas carregado pousou uma mosca, e achou-se tão altiva de ir a seu gosto alta, que começou a falar soberba contra a mula, dizendo que andasse depressa senão que a castigaria, picando-a onde lhe doesse. Virou a mula o rosto dizendo: Cala-te, párvua sem vergonha, que não temo, nem me podes fazer nada, o medo que me causa é do carreteiro, que leva na mau o açoite, que tu só com importunações podes cansar-me, sem me fazer outro mal.

MORAL DA HISTÓRIA:

Mostra esta Fábula a natureza de alguns, que não tem mais que língua, e com ela porfiando e contradizendo, cansam e importunam a todos, querendo-se mostrar de muito negócio e importância, e que valem e podem, e sustentam o peso da República.

O CÃO E A IMAGEM

Buscando de comer o Cão, acertou de achar uma Imagem de homem muito primorosa e bem feita de papelão com cores vivas. Chegou o Cão a cheirar por ver se era homem que dormia. Depois deu-lhe com o focinho, e viu que se rebolava, e como não quisesse estar queda, nem tomar assento, disse o Cão: Por certo que a cabeça é linda, senão que não tem miolo.

MORAL DA HISTÓRIA:

Imagem pintada é o homem ou mulher, que só dos atavios de seu corpo trata, e não procura ornar a alma, que é muito mais preciosa. Notam-se nesta Fábula as pessoas, cujo cuidado todo se emprega em enfeites e cores supérfluas, de fora formosas, mas na cabeça falta miolo, e no processo da vida sossego e quietação.

O LEÃO, A VACA, A CABRA E A OVELHA

Fizeram parceria um Leão e uma Vaca, uma Cabra e uma Ovelha, para que caçassem de mau comum e partissem o ganho. Correndo sobre este concerto, acharam um Veado, e depois de terem andado e trabalhado muito, o mataram. Chegaram todos cansados, e cobiçosos da preza, e fizeram-no em quatro partes iguais. O Leão tomou uma, e disse: Esta é minha conforme o concerto: est'outra me pertence por ser mais valente de todos; também tomarei a terceira, porque sou rei de todos os animais, e quem na quarta bulir, tenha-se por meu desafiado. Assim as levou todas, e os parceiros se acharam enganados e com agravo; mas sofreram por serem desiguais na força ao Leão.

MORAL DA HISTÓRIA:

Parceria e amizade quer-se entre iguais, e o casamento também; conforme o Filósofo, que o mandou aprender aos meninos que diziam brincando: Cada um

com seu igual; porque quem trava amizade com maior, faz-se escravo seu, e lhe há de obedecer ou perder pelo menos a amizade, na qual o trabalho sempre é do mais fraco, a honra e proveito do mais poderoso.

O CASAMENTO DO SOL

Dizem que em certo tempo desejou o Sol de se casar, e todas as gentes, agravadas disso, se foram queixar a Júpiter, dizendo: Que no Estio trabalhosamente sofriam um Sol, que com seus raios os abrasava, donde inferiam e provavam que se o Sol casasse e viesse a ter filhos, queimaria o mundo todo; porque um Sol fazia Verão calmoso na Índia, outro em Grécia, outro na Noruega e terras septentrionais; pelo que sendo todas as três zonas tórridas não teriam gentes onde viver. Visto isto por Júpiter, mandou que não casasse.

MORAL DA HISTÓRIA:

Todos os homens tem obrigação de estorvar que se multiplique o número dos maus e desalmados, e dos que desafortadamente fazem agravos a seu próximo, como nesta Fábula se finge que era o Sol, e devem pedir a Deus que os emende ou os tire do mundo, e dar favor à justiça, para que possa castigá-los.

O HOMEM E A DONINHA

Um Homem que caçava Rato, prendeu na armadilha uma Doninha. Ela vendo-se era seu poder, lhe disse que a soltasse, e alegou razões, dizendo que ela nenhum mal lhe fazia, antes lhe alimpava a casa de ratos e bichos, e sempre por lhe fazer bem os andava matando. Respondeu o homem: Se tu por fazer bem o fizeras, devia-te eu agradecimento; mas como o fazes pelo comer, não te devo nada, antes te quero matar, que se eles te faltarem, comer-me-ás o meu, pior do que o fazem os mesmos ratos.

MORAL DA HISTÓRIA:

Do que os homens fazem por seu respeito nenhum agradecimento se lhes deve; que a boa obra há de ser voluntaria e não acaso, para que obrigue a quem a recebe. Esta Doninha é como muitos homens que até as más obras que fazem, querem vender com boas palavras e que se lhes fiquem devendo. Porém a intenção dá à obra os quilates; quem me deu uma lançada por me matar, e me

abriu o apostema, que me matava, não foi amigo, posto que me causou saúde. Porém devo-a só a Deus, que por mau do inimigo ma quis dar.

A BUGIA E A RAPOSA

Rogava a Bugia à Raposa que copiasse a metade do seu rabo, e lhe desse, dizendo: Bem vêes que o teu rabo arroja e varre a terra, e é defeito por demasiado; o que dele sobeja me prestar a mim, e cobrir-me estas partes que vergonhosamente trago descobertas. Antes quero que arroje, disse a Raposa, e varra o chão, e me seja pesado, que aproveitares-te tu dele. Por isso não to darei, nem quero que cousa minha te preste. E assim ficou sem ele a Bugia.

MORAL DA HISTÓRIA:

Semelhantes são a esta Raposa todos os invejosos, que deixaram de escarrar, se souberem que presta o seu cuspinho, e todos os avarentos, que do muito que em sua casa sobeja não querem partir com o pobre que lhes mostra sua necessidade, como aqui a Bugia mostra à Raposa.

JUNO E O PAVÃO

Veio o Pavão a Juno muito queixoso, dizendo por que razão o Rouxinol havia de cantar melhor que ele, e ter-lhe outras muitas vantagens? Disse Juno que não se agastasse; que por isso tinha ele as penas formosas, cheias de olhos, que pareciam estrelas. Isso é vento, replicou o Pavão, mais tomara saber cantar. Juno respondeu: Não podes ter tudo. O Rouxinol tem voz, a Águia força, o Falcão ligeireza, tu contenta-te com tua formosura.

MORAL DA HISTÓRIA:

Prova-se nesta Fábula o que fica dito no princípio da vida de Esopo; que nenhum há desamparado de natureza e sem graça particular; que Deus, autor da mesma natureza, criou os homens, e repartiu por eles seus dotes. Uns faz valentes e outros ligeiros; um é bom pintor, outro músico destro, outro tem seu dote no entendimento. Ensina logo esta Fábula que ninguém se ensoberbeça da graça particular de que é dotado, nem tenha inveja das boas obras dos próximos, antes com tudo e por tudo dê louvores a seu Deus e Criador.

O LOBO E O GROU

Comendo o Lobo carne, atravessou-se-lhe um osso na garganta, que o afogava. Estando nesta afronta, pediu ao Grou que lhe valesse nela, e com seu pescoço comprido lhe tirasse do papo o osso. Fê-lo o Grou, tirou-lhe o osso, e estando livre o Lobo, pediu-lhe alguma parte do muito, que antes se oferecia a lhe dar. Porém o Lobo lhe respondeu. Oh ingrato! Não me agradeces que te tivesse metida a cabeça dentro na minha boca, e que pudera apertar os dentes e matar-te. Não me peças paga; que obrigado me ficas, e assaz és de ingrato em não reconheceres tão grande benefício. Calou-se o Grou, e foi muito arrependido do que fizera, dizendo: Nunca mais por gente ruim meterei a cabeça e vida em semelhante perigo.

MORAL DA HISTÓRIA:

Benefícios feitos a gente perdida são perdidos, e podem contar-se por malefícios, quando puramente não se fazem por amor de Deus, que todos os bens tem cuidado de pagar. Homem desagradecido, quanto fazeis por ele tudo perdeis: e às vezes com palavras vos carrega, mostrando que vós sois o devedor, como este nosso Lobo fazia.

AS DUAS CADELAS

Tomando a uma cadela as dores de parir, e não tendo lugar donde parisse, rogou a outra que lhe desse a sua cama e pousada, que era em um palheiro, e tanto que parisse se iria com seus filhos. Fê-lo a outra com dó dela, e depois de haver parido, lhe disse que se fosse embora: porém a boa hospeda mostrou-lhe os dentes, e não a quis deixar entrar, dizendo que estava de posse, e que não a lançariam dali, senão fosse por guerra e às dentadas.

MORAL DA HISTÓRIA:

Mostra esta Fábula ser verdadeiro o adágio, que diz: Queres inimigo? Dá o teu, e pede-o. Porque, sem dúvida, há muitos homens como esta cadela parida, que pedem humildemente, mostrando sua necessidade, e depois de terem o alheio em seu poder, reganham os dentes a quem lho pede, e se são poderosos ficam com ele.

O HOMEM E A COBRA

Na força do chuvoso e frio inverno andava uma Cobra fraca e encolhida, e um homem de piedade a recolheu, agasalhou e alimentou, em quanto houve frio. Chegado o verão, começou a Cobra a estender-se e desenroscar-se, pelo que ele a quis lançar fora; mas ela levantou o pescoço para o morder. O que vendo o homem, tomou um pau, assanhou-se a Cobra, e começaram ambos a pelejar. De que resultou ficar ela morta, e ele bem mordido.

MORAL DA HISTÓRIA:

Diz bem o provérbio: Pela mau leva o homem a sua casa com que chore. Assim aconteceu a este homem com a cobra, e acontece a muitos, que no inverno dos trabalhos e perseguições querem ser bons a seus próximos; mas eles, de ruins, chegando o Verão das bonanças, nem o dado agradecem, nem o emprestado tornam. Assim é certo agasalhardes às vezes pobre em casa, que ou vos rouba e foge, ou se o despedis, vos molesta e injuria.

O ASNO E O LEÃO

O Asno simples e torpe encontrou com o Leão em um caminho, e de altivo e presunçoso se atreveu a lhe falar, dizendo: Vades embora companheiro. Parou o Leão vendo este desatino e ousadia; mas tornou logo a prosseguir seu caminho, dizendo: Leve cousa me fora matar e desfazer agora este; porém não quero sujar meus dentes, nem as fortes unhas em carne tão bestial e fraca. Assim passou, sem fazer caso dele.

MORAL DA HISTÓRIA:

Homens forçados e nobres sofrem cousas a outros baixos, que não sofreriam a seus iguais; porque tem por afronta sujar as mãos em gente baixa. Pelo contrário há muitos néscios, como este asno, que favorecidos, e contentes de si, do bom vestido, e bom comer, sem mais partes querem logo roçar as conteiras com os fidalgos maiores da terra, como fazia este com o Leão rei dos outros animais.

O RATO CIDADÃO E O MONTESINO

Um Rato, que morava na Cidade, acertando de ir ao campo, foi convidado por outro, que lá morava, e levando-o à sua cova, aí comeram ambos cousas do campo, ervas e raízes. Disse o Cidadão ao outro: Por certo, compadre, tenho dó de ti, e da pobreza em que vives. Vem comigo morar na cidade, verás a riqueza e a fartura que gozas. Aceitou o rústico, e vieram ambos a uma casa grande e rica, e entrados na despensa, estavam comendo boas comidas e muitas, quando de súbito entra o despenseiro, e dois gatos apôs ele. Saem os Ratos fugindo. O de casa achou logo seu buraco, o de fora trepou pela parede, dizendo: Ficai-vos embora com a vossa fartura; que eu mais quero comer raízes no campo sem sobressaltos, onde não há gato, nem ratoeira. E assim diz o adágio: Mais val magro no mato, que gordo na boca do gato.

MORAL DA HISTÓRIA:

Quanto o estado pobre seja mais quieto e seguro mostra-se bem nesta Fábula; e quão arriscados vivem os que trabalham por subir a mais riquezas, ou a mais alto foro do que tem. Que os que andam por enriquecer, esses caem na ratoeira.

A ÁGUIA E A RAPOSA

Tinha a Águia filhos, e para os cevar levou nas unhas dois raposinhos tomados de uma lousa. A mãe, que o soube, lhe foi rogar que lhe desse seus filhos; mas a Águia lá do alto zombou dos rogos, e disse que não deixaria de lhes comer. A raposa magoada começou logo a cercar a árvore, onde a Águia tinha seu ninho, de muitas palhas, tojos, paus secos, e arranjou-os de tal maneira, que pondo-lhe o fogo, fez uma fogueira muito grande. Viu-se a Águia atribulada do fumo e labareda, e com o receio que ardesse a árvore toda, lançou-lhe os filhos sem lhes tocar, e quase ficou chamuscada pela indústria da Raposa.

MORAL DA HISTÓRIA:

Posto que algum presuma ser Águia na força, e ter estado avantajado dos outros, nem por isso afronte, nem agrave o fraco e pequeno, que não possa vingar-se do maior. Deus ajuda os humildes, e resiste aos soberbos; e quis que o Leão temesse ao Galo, e o Rato pudesse inquietar o Elefante.

O GALO E A RAPOSA

Fugindo as Galinhas com seu Galo de uma Raposa, subiram-se em um pinheiro, e como a Raposa ali não pudesse fazer-lhes mal, quis usar de cautela, e disse ao Galo: Bem podeis descer-vos seguramente, que agora acabou-se de assentar paz universal entre todas as aves e animais: por tanto vinde, festejaremos este dia. Entendeu o Galo a mentira; mas com dissimulação respondeu: Estas novas por certo são boas e alegres, mas vejo acolá assomar três cães; deixemo-los chegar, todos juntos festejaremos. Porém a Raposa, sem mais esperar, acolheu-se dizendo: Temo que o não saibam ainda, e me matem. Assim se foi, e ficaram as Galinhas seguras.

MORAL DA HISTÓRIA:

Um cravo tira outro cravo. Por este Galo pode entender-se o homem sisudo, que quando outro com palavras o quer enganar, dissimula, fingindo que não o entende, e com palavras brandas se defende. Que se o falso encontra homem avisado, quase sempre cai nos laços que armou.

O BEZERRO E O LABRADOR

Tinha um Lavrador um Bezerro forte e mimoso, e pô-lo no jugo com outro boi manso: mas como o Bezerro o não quisesse tomar, nem sofrer, com pancadas e pedradas trabalhava o Lavrador pelo amansar. E disse ao boi manso: Não te tomo com este para que lavres, que ainda não é para isso, senão para o amansar de pequeno, porque depois que for touro madrigado não haverá quem o amanse.

MORAL DA HISTÓRIA:

Ensina-nos esta Fábula quanto seja necessário dobrar e refrear os filhos de pequenos, costumá-los à virtude, tirando-os de ociosidades, que sempre parem afrontas na velhice; porque doutrina cristã é, que quem tira aos moços o castigo, se lhes quer bem, lhes faz mal. Donde se prova que quem lhes quer bem, lhes faz mal. Donde se prova que quem lhes tem amor, deve de os domar e castigar de pequenos. Também pelo boi manso se vê que o homem quieto e pacífico sempre é mais querido e estimado daqueles que tratam com ele.

O LOBO E O CÃO

Encontrando-se um Lobo e um Cão em um caminho, disse o Lobo: Inveja tenho, companheiro, de te ver tão gordo, com o pescoço grosso, e cabelo luzido: eu sempre ando magro e arrepiado. Respondeu o Cão: Se tu fizeres o que eu faço, também engordarás. Estou em uma casa, onde me querem muito, dão-me de comer, tratam-me bem; e eu tenho cuidado só de ladrar quando sinto ladrões de noite. Por isso, se queres, vem comigo, terás outro tanto. Aceitou o Lobo, e começaram a ir. Mas no caminho disse o Lobo: De que é isso, companheiro, que te vejo o pescoço esfolado? Respondeu o Cão: Porque não morda de dia aos que entram em casa, estou preso com uma cadeia, e de noite me soltam até pela manhã, que tornam a prender-me. Não quero tua fartura, respondeu o Lobo: A troco de não ser cativo, antes quero trabalhar, e jejuar livre. E dizendo isto se foi.

MORAL DA HISTÓRIA:

Não há prata, nem ouro, por que deva vender-se a liberdade, e quem a estima no que ela merece, faz o que fez este Lobo, que escolhe antes trabalhos e fome que perdê-la: mas comedores negligentes e apoucados não estimam ser livres, com tanto que comam o pão ociosos, e os tais são significados nesta Fábula pelo Cão.

OS MEMBROS E O CORPO

As mãos e os pés se queixavam dos outros membros, dizendo que eles toda a vida trabalhavam, e traziam o corpo às costas, e tudo redundava em proveito do estômago, que comia sem trabalho; por tanto que se determinasse a buscar sua vida, que eles não haviam de dar-lhe de comer. Por muito que o estômago lhes rogou, não quiseram tomar outra determinação e assim começaram a negar-lhe a comida: ele enfraqueceu. Mas como juntamente enfraquecessem também os pés e mãos, tornaram depressa a querer alimentá-lo; mas como já a fraqueza fosse muita, nada lhes valeu, e morreram todos juntamente.

MORAL DA HISTÓRIA:

Todos somos membros em uma República, e todos necessários uns aos outros. Soldados e trabalhadores são mãos e pés, o Rei cabeça, os ricos estômagos. Se disser o lavrador que não quer trabalhar, para que o outro coma, ele há de ser o

primeiro que há de padecer fome. Se os soldados não defenderem a pátria, o Rei não governar, os ricos não distribuírem o que ajuntaram dantes, e cada membro se apartar, morreram todos, e morrerá o corpo místico da República.

A ÁGUIA E A COREXA

A Águia tomou nas unhas um Cágado para cevar-se, e trazendo-o pelo ar, e dando-lhe picadas, não podia matá-lo, porque estava mui recolhido em sua concha. Embravecia-se muito com isto a Águia, sem lhe prestar, quando chega a Corexa, e diz: A caça, que tomastes, é em extremo boa, mas não podereis gozar dela, senão por manha. Disse a águia que lhe ensinasse a manha, e partiria com ela da caça. A Corexa o fez, dizendo: Subi-vos sobre as nuvens, e de lá deixai cair o Cágado sobre alguma lajem, quebrará a concha, e ficar-nos-á a carne descoberta. A Águia o fez; e sucedendo como queriam, comeram ambas da caça.

MORAL DA HISTÓRIA:

Na guerra, e em todo negócio, tanto val a indústria, e mais que a força; que negócios mui árduos se acabam por manha, e a força sem ela val pouco ou nada. Isto quiseram mostrar os poetas na companhia e amizade do sábio Ulisses com o valente Diomedes, porque Valência sem manha poucas ou nenhuma vez dá fruto proveitoso a seu dono, e um conselho bom acaba mais que muitos maus.

A RAPOSA E O CORVO

O Corvo apanhou um queijo, e com ele fugindo, se pousou sobre uma árvore. Viu-o a Raposa, e desejou de lhe comer o seu queijo: e pondo-se ao pé da árvore, começou a dizer ao Corvo: Por certo que és formoso e gentil-homem, e poucos pássaros há que te ganhem. Tu és bem disposto e mui galante; se acertaras de saber cantar, nenhuma ave se comparara contigo. Soberbo o Corvo destes gabos, e desejando de lhe parecer bem, levanta o pescoço para cantar; porém abrindo a boca caiu-lhe o queijo. A Raposa o tomou e foi-se, ficando o Corvo faminto e corrido da sua própria ignorância.

MORAL DA HISTÓRIA:

Os que se desvanecem com palavras lisonjeiras, como eram as desta Raposa, não é muito fazerem maiores desatinos do que o Corvo fez. Quem, sem ter partes, vê louvar-se, entenda que não são louvores, senão laços que lhe armam para o enganarem; porque palavras brandas sempre são suspeitosas, e quanto melhor se aceitam, tanto ficam prejudicando mais. São cevadouro que faz o caçador para nos tomar nele; e por meio desse engodo vem a alcançar de nós o que desejava.

O LEÃO E OS OUTROS ANIMAIS

Estava um Leão doente e fraco de velho, e vindo um Porco montês, que lhe lembrou ser maltratado dele em outro tempo, deu-lhe uma forte trombada, e passou. Veio um Touro, e escornou-o, e outros muitos animais por se vingarem o maltratavam. Por derradeiro veio um asno, e deu lhe dois coices, com que lhe derrubou as queixadas. Chorava o Leão dizendo: Tempo sei eu que todos estes só de meu bramido tremiam, e nenhum havia tão forte, que não fugisse de se encontrar comigo, agora que me vem fraco, todos querem vingar-se, e não há quem não se me atreva.

MORAL DA HISTÓRIA:

Os que estão introduzidos em cargos e ofícios grandes não agravem outros, e recém o que a este Leão sucedeu; porque quando seu poder enfraquecer, e deixarem o ofício, também qualquer pobre poderá vingar-se deles, e metê-los em afronta, ou por obra, ou por palavra.

AS RÃS E JÚPITER

As Rãs em outro tempo pediram a Júpiter lhes desse Rei, como tinham outros muitos animais. Rio-se Júpiter da ignorante petição, e deferindo a ela, lançou um madeiro no meio da lagoa. Começaram as Rãs a ter-lhe respeito; porém dès que entenderam que não era cousa viva, de novo tornaram a Júpiter pedindo Rei. Agastado Júpiter da importunação, deu-lhes a Cegonha, que começou a comê-las uma a uma. Vendo elas esta crueldade, foram-se com queixas, e pedir remédio a Júpiter, mas ele as lançou de si dizendo: Andai para loucas: já que vos não contentastes do primeiro Rei, sofri esse, que tanto me pedistes.

MORAL DA HISTÓRIA:

Gente e Povo amigo de novidades é como as Rãs; cada dia querem mudar de senhor, e desejam alterações, e mudanças. Mas bem se vê nesta Fábula, que castiga Deus muitas vezes os maus, só com lhes conceder o que pedem; e os que murmuram do bom Governador ou Prelado, às vezes caem em poder de tiranos, que os comem e destroem, como a Cegonha aqui fazia.

AS POMBAS E O FALCÃO

Vendo-se as Pombas perseguidas pela águia, que as maltratava de quando em quando, e buscando como poderiam livrar-se, quiseram valer-se do Falcão. Tomou este o cargo de as defenderem; mas começou a tratá-las muito pior, matando-as e comendo-as sem piedade. Vendo-se sem remédio, diziam: Com razão padecemos, pois não nos contentando do que tínhamos, soubemos tão mal escolher cousa que tanto nos importava.

MORAL DA HISTÓRIA:

Direitamente parece que fala esta Fábula com os príncipes cristãos, que tendo competências entre si, muitas vezes chamaram em seu favor Mouros ou Turcos, do que depois se arrependerão, como estas Pombas, e ficaram na sujeição que hoje Egito padece e outras muitas províncias, em castigo de seus ódios, invejas, cismas, abominações e outros pecados, causas de discórdias, e por conseguinte de total destruição.

O PARTO DA TERRA

Em certo tempo começou a Terra a dar urros e inchar, dizendo que queria parir. Andava a gente mui pasmada e cheia de temor, e receosa que nascesse algum monstro, proporcionado com a mãe, que pudesse destruir o mundo todo. Chegando o tempo do parto, estando todos juntos suspensos, pariu a Terra um Morganho, e ficou sendo riso o que antes era medo.

MORAL DA HISTÓRIA:

Esta Fábula explica Horácio dos que prometem de si cousas grandes, e depois não fazem cousa alguma, como são certos fanfarrões, que se jactam de valentes, e a poder de juramentos o querem parecer. Outros que gabam suas letras e livros que hão de compor, mas quando vem a joeirar-se a valentia de uns e a ciência dos outros, tudo é joio; pelo que com razão fica quem os

conhece rindo e escarnecendo deles, como na Fábula se diz que os homens fizeram do parto da Terra.

O GALGO VELHO E SEU AMO

A um Galgo velho, que havia sido muito bom, se lhe foi uma lebre dentre os dentes, porque já os não tinha. O amo por isso o açoitou cruelmente, e lançou de si, como cousa que nada valia. Disse o Galgo: Deves, Senhor, lembrar-te como te servi bem em quanto era moço, quantas lebres tomei, e quanto me estimavas; agora que sou velho e estou posto no osso, por uma, que me fugiu, me açoitas e lanças fora, devendo perdoar-me e pagar-me bem o muito que te tenho servido.

MORAL DA HISTÓRIA:

Deste Galgo tome lição quem serve a senhor ingrato, e verá o pago que há de ter, principalmente se o serve em cousas contra sua consciência, porque depois que estiver bem metido no Inferno, pela primeira vontade, que deixar de lhe fazer, perde quanto tem servido, e muitas vezes o mesmo senhor, por cujo respeito ele perdeu a Deus, e o mundo o acusar, é seu algoz, e o faz castigar dos pecados que lhe fez fazer.

AS LEBRES E RÃS

Vendo-se as Lebres corridas dos galgos e espantadas de todos os animais, assentaram, por não passar sobressalto, de se matarem afogados em um rio, e querendo dá-lo à execução, como corressem com ímpeto para se arremessarem na água, chegando à borda dela viram grande número de Rãs saltarem com medo no ribeiro. Reportaram-se as Lebres um pouco, e mudando o conselho, disseram: Pois que vivem estas Rãs, havendo medo de nós e de todos os que no-lo causam, soframos nós a vida, que já há outros mais acossados e medrosos.

MORAL DA HISTÓRIA:

Bem se vê ser verdade o que diz Marcial, que ninguém é miserável, se for comparado; e a mais certa consolação, ainda que cruel, que há nos males, é ver

outros que padecem maiores, por esta causa perguntando-se a um Filósofo de que modo se sofreriam bem tribulações, respondeu: Que vendo nosso inimigo em outras maiores.

O LOBO E O CABRITO

Uma Cabra, indo pastar ao campo, deixou o filho em casa, e mandou-lhe que não abrisse ao Urso nem Lobo que ali viesse, porque morreria. Ia ela, veio um Lobo, e fingindo a voz de Cabra, começou a afagar o Cabrito, dizendo que lhe abrisse, que era sua mãe. Ouvindo isto o Cabrito, chegou à porta, e por uma fenda olhou e viu o Lobo, e sem outra resposta virou as costas e recolheu-se em casa. O Lobo foi-se, e ele ficou salvo.

MORAL DA HISTÓRIA:

Filhos obedientes a seus pais tudo lhes sucede bem. Esta Fábula nos avisa que guardemos sempre esta obediência, e também que não nos fiemos em palavras brandas; porque quem à pura força não se atreve a dar-nos, quanto mais peçonha traz no coração, tanto mais mel mostra a língua; que a peçonha não se dá senão nos manjares mais saborosos.

O CERVO, O LOBO E A OVELHA

Demandava o Cervo à Ovelha falsamente certo trigo, que dizia haver-lhe emprestado. A Ovelha pudera negar-lho, mas receou, porque estava um Lobo de companhia com o Veado, e assim com dissimulação lhe disse: Rogo-te, por tua vida, que esperes alguns dias, e então averiguaremos nossas contas, que eu te pagarei quanto te dever. Foi contente o Cervo. Porém tanto que ambos se encontraram sem o Lobo estar presente, a Ovelha o desenganou, que nem lhe devia trigo, nem lho havia de pagar.

MORAL DA HISTÓRIA:

Contém esta Fábula um aviso proveitoso, que pode servir-nos quando alguém porfia contra nós em presença de nossos inimigos; que então é prudência dilatar a vida, até nos vermos em tempo que possamos livremente defender nossa opinião, como fez aqui a Ovelha, sem temor de Lobos inimigos roazes.

A CEGONHA E A RAPOSA

Sendo amiga a Cegonha com a Raposa, a Raposa a convidou um dia a jantar. Chegado o tempo, preparou a Raposa ardilosa uma comida líquida, manjar como papas, e a estendeu por uma lousa, e importunava a Cegonha a que comesse. Mas como ela picava na lousa, quebrava o bico e nada tomava nele, com que se foi faminta para o ninho. Mas por se vingar, convidou a Raposa outra vez; e lançou o manjar em uma almotolia, donde comia com o bico e pescoço comprido. E a Raposa não podendo meter o focinho, se tornou para sua casa corrida e muito morta de fome.

MORAL DA HISTÓRIA:

É gosto enganar ao enganador, e zombar de quem quer zombar de nós; e obrigação dos que zombam, e escarnecem, sofrerem bem zombarias leves e tomarem-nas em graça.

A GRALHA E OS PAVÕES

Fez-se a Galha bizarra e louca vestindo-se de penas de Pavões, que pediu emprestadas, e desprezando as outras Galhas, andava com os Pavões de mistura. Porém eles lhe pediram as suas penas, e começando a depená-la, todos lhe levavam penas e carne no bico. Depois querendo chegar-se às outras, ainda que com temor e vergonha, diziam-lhe elas: Quanto te valera mais contentar-te com o que te deu a natureza, que querer mudar de estado, para vires a este em que estás, pelada, ferida e vergonhosa.

MORAL DA HISTÓRIA:

Quem faz casa e toma fausto com rendas alheias, ou fazenda emprestada, tem o sucesso desta Galha. Chega-se o tempo da paga, vem os acredores, tomam-lhe as alfaias com que se honrava, e se não bastão, dão com ele na cadeia, donde sai pelado e vergonhoso.

A FORMIGA E A MOSCA

Entre a Mosca e Formiga houve grande altercação sobre pontos de honra. Dizia a Mosca: Eu sou nobre, vivo livre, ando por onde quero, como viandas

preciosas, e assento-me à mesa com o Rei, e dou beijo nas mais formosas damas. Tu mal-aventurada, sempre andas trabalhando. Respondeu a Formiga: Tu és doida ociosa. Se pousas uma vez em prato de bom manjar, mil vezes comes sujidades e imundícias aborrecidas de todos; se te pões no rosto da dama ou à mesa com o Rei, não é por sua vontade, senão porque tu és enfadonha e importuna.

MORAL DA HISTÓRIA:

Desta Fábula aprendamos o pouco que valem homens ociosos e importunos como moscas, que se gabam difamando mulheres e pessoas honradas; e contam feitos que nunca lhes aconteceram, desprezando os que como formigas vivem de sua indústria, mas quando vem a ocasião, não fazem nada e ficam afrontados e tidos por cobardes.

A RÃ E O TOURO

Andava um grande Touro passeando no longo da água, e vendo-o a Rã tão grande, tocada da inveja, começou de comer e inchar-se com vento, e perguntava às outras se era já tão grande. Respondem elas que não: Torna a Rã segunda vez, e põe mais força por inchar; e desenganada do muito que lhe faltava para igualar o Touro, terceira vez inchou tão rijamente que veio a arrebentar com cobiça de ser grande.

MORAL DA HISTÓRIA:

Marcial em um epigrama contra Otalício, moraliza esta Fábula, entendendo pela Rã o ambicioso, que desejando igualar-se com o rico no trato e despesa, gasta o que tem e o que não tem, e chega a consumir-se, até que rebenta em muitas dívidas que dão com ele no hospital. Fiquem logo avisados aqueles, que são Rãs na posse, não queiram despender como Touros, porque não rebentem como esta, de que tratou esta Fábula.

O CAVALO E O LEÃO

Viu o Leão andar comendo o Cavallo em um outeiro, e cuidando em que maneira faria que lhe esperasse para o matar, chegou-se com palavras de amigo, dizendo que era médico se queria que o curasse. O Cavallo que o conheceu e entendeu, disse com dissimulação: Em verdade vens, amigo, a bom tempo, que

tenho neste pé um estrepe, de que estou maltratado. Chegou-se o Leão a ver-lhe o pé, e o Cavalo o levantou e lho assentou nas queixadas, em modo que ficou embaraçado, e tornando em si vendo era ido o Cavalo, disse: Por certo que fez bem era me ferir e ir-se, pois eu queria comê-lo e não curá-lo.

MORAL DA HISTÓRIA:

Os que querem roubar e enganar outros, professando ofícios que nunca aprenderão, muitas vezes lhes sucede ficarem escalavrados como este Leão, e nunca escapam das afrontas e injúrias graves, porque querem vender o que não sabem, o que tudo são espécies de furto.

AS AVES E O MORCEGO

Havia guerra travada entre as Aves e outros animais, que como eram fortes andavam as Aves maltratadas e vencidas. Temeroso disto o Morcego, passou-se do bando contrário, e voava por cima dos animais de quatro pés, posto já de sua parte. Sobreveio a Águia em favor das Aves e alcançaram vitória. E tomando o Morcego, em castigo da traição lhe mandaram que andasse sempre pelado e às escuras.

MORAL DA HISTÓRIA:

Esta Fábula fala com os soldados que não desamparem seus capitães; com os amigos que não deixem a amizade em tempo de trabalhar; que os que assim o fazem igualmente são tidos pouco de amigos e muito de inimigos, infamam-se de traidores, e ninguém mais se fia deles.

O CAVALO E O ASNO

Indo o Cavalo com jaezes ricos de seda e ouro de muito preço, encontrou no caminho um Asno carregado, e disse-lhe com muita soberba: Animal descomedido, porque não me dás lugar e te desvias para que eu passe? Calou e sofreu o pobre Asno. Mas daí a poucos dias emaqueceu o Cavalo e puseram-no de albarda para servir. Acertou o Asno de o achar carregado de esterco, e disse-lhe: Que vai, irmão? Onde está vossa soberba? Porque não mandais agora que me arrede, como fazíeis em outro tempo?

MORAL DA HISTÓRIA:

Ninguém despreze os pequenos e pobres, por se ver farto e vestido, ou com honra e ofícios; porque se mudam as venturas e estados, e a soberba passada não serve mais que de vergonha e injúria presente.

O FALCÃO E O ROUXINOL

O Falcão uma manhã se apossou do ninho, onde o Rouxinol tinha seus filhos e quis matá-los. Começou o Rouxinol com muita brandura a rogar-lhe que não os matasse e que o serviria. Disse o Falcão que era contente se cantasse de modo que satisfizesse. Começou o triste Rouxinol a cantar muito sentido e suave. Porém o Falcão mostrando-se descontente da música, começou a comê-los. Chega nisto por detrás um caçador, e lança ao Falcão um laço, em que o prendeu e o levou a rasto, e o Rouxinol ficou livre.

MORAL DA HISTÓRIA:

Por este Falcão se significam os tiranos e desalmados, que por nenhuma razão, ainda que mui justificadas, desistem de agravar aos que podem pouco; mas neste entremeio chega a Justiça divina, que os caça no laço da morte, e os lança no inferno, e muitas vezes para consolação dos bons os aflige nesta vida visivelmente com pena temporal.

AS ÁRVORES E O MACHADO

Um Machado de aço bem forjado, faltando-lhe o cabo, sem ele não podia dia cortar. Disseram as Árvores ao Zambujeiro que lhe desse o cabo. E como o Machado esteve encavado, um homem com ele começou a fazer madeira e destruir o arvoredo. Disse então o Sobreiro ao Freixo: Nos temos a culpa que demos cabo ao Machado para nosso mal, porque a não lho darmos seguras pudéramos estar dele.

MORAL DA HISTÓRIA:

Quem vir seu contrário inabilitado para fazer mal, não o habilite nem lhe dê armas, se o vir desarmado. Virtude é perdoar ao inimigo, mas parvo é quem

além de lhe perdoar, o favorece tanto, que depois possa com pouca ajuda matá-lo.

O ASNO E O MERCADOR

Um tendeiro caminhando para a feira levava um Asno carregado de mercadoria, que de mui fraco andava de vagar. O Mercador cobiçoso com desejo de chegar dava tanto no Asno, que não podia bulir-se, que caiu no caminho com a carga e morreu. Depois de morto o esfolaram, e da pele lhe fizeram um tambor, em que andavam de continuo tangendo e batucando.

MORAL DA HISTÓRIA:

Os que sabem aproveitar-se dos trabalhos da vida, e se aparelham para a morte, descansam nela; porém os que como asnos morrem sem se lembrar que há outra vida, depois de padecerem nesta suas desaventuras, são na outra escarnecidos e atormentados pelo demônio; pelo que com acerto são comparados nesta Fábula a jumentos, cuja pele é na morte e na vida bem corrida.

O RATO E A DONINHA

Uma Doninha, como de velha e cansada não pudesse já caçar, usava esta manha: enfarinhava-se toda, e punha-se muito queda a um canto de casa. Vinham alguns Ratos, que cuidando ser outra cousa, chegavam por comer e ela os comia. Por derradeiro veio um Rato velho, que tinha já escapado de muitos trances, e posto de longe disse: Por mais artes que uses, não me colherás. Engana tu a esses pequenos; mas eu, conheço-te bem, não hei de chegar a ti. E dizendo isto, foi-se.

MORAL DA HISTÓRIA:

Na Doninha se pode ver que quem é criado em más manhas, nem por velhice as perde. Quem se costuma a furtar, ou o braço, ou a morte lho há de tirar; e quando já não podem usar da força, com rebuços, manhas e traições usam seus maus ofícios, como gente que tem perdida a vergonha e temor de Deus.

A RAPOSA E AS UVAS

Chegava a Raposa a uma parreira, viu-a carregada de uvas maduras e formosas e cobiçou-as. Começou a fazer suas diligências para subir; porém como estavam altas e íngreme a subida, por muito que fez não pôde trepar; pelo que disse: Estão as uvas em agrão, e desbotar-me-ão os dentes, não quero colhê-las verdes, que também sou pouco amiga delas. E dito isto, foi-se.

MORAL DA HISTÓRIA:

Parte é de homem avisado, as cousas que não pode alcançar, mostrar que não as deseja; que quem encobre suas faltas e desgostos, não dá gosto a quem lhe quer mal, nem desgosto a quem lhe quer bem; e que seja isto verdade em todas as cousas, tem mais lugar nos casamentos, que desejá-los sem os haver, é pouquidade, e siso mostrar o homem que não lhe lembram, ainda que muito os cobice.

O PASTOR E O LOBO

Fugia o Lobo de um caçador que vinha em seu seguimento, e diante de um Pastor se escondeu em umas moitas, rogando-lhe que se o caçador lhe perguntasse, dissesse era ido. Ficou o Pastor de o fazer. E chegado o caçador, perguntando pelo Lobo, o Pastor lhe dizia que era ido; mas a cabeça lhe acenava para onde estava; não atentou o caçador nos acenos, e foi-se. Saiu o Lobo e disse-lhe o Pastor: Que vai, amigo? Muito me deves, bom valedor tiveste em mim. Valeu-me a mim minha ventura, respondeu o Lobo, e não te entender o caçador; pelo que nada te devo, antes se bendigo a tua língua, amaldição tua cabeça, que tanto fez por me descobrir.

MORAL DA HISTÓRIA:

Notam-se nesta Fábula os que do mal que urdiram, ainda que não teve efeito, querem tirar agradecimentos, e mostra-se quanto perigo seja quererem os homens em seus trabalhos valer-se de seus inimigos; que quando são muito fiéis e primorosos, cuidam que satisfazem com se mostrarem neutrais.

O ASNO E A CACHORRINHA

Vendo o Asno que seu amo brincava com uma Cachorrinha, e se alegrava com ela, e a tinha à mesa, dando-lhe de comer, porque o afagava vindo de fora e saltava nele, creu que se outro tanto lhe fizesse, também seria estimado; e com essa inveja se vai ao Senhor em entrando de fora, e pondo-lhe as mãos sobre os ombros, começou a querer lambe-lhe o rosto com a língua. Espantado o amo, brada e acodem os criados, e a poder de muitas pancadas tornaram a meter o Asno em sua estrebaria.

MORAL DA HISTÓRIA:

Ninguém se meta a mostrar habilidades que a natureza lhe negou. Cante o músico, pratique o letrado, o soldado trate de armas, o piloto de sua arte, e quem quer meter-se nas alheias, por ganhar terra, e contentar a outrem, ou sairá como este asno espancado, ou o mandaram à estrebaria.

O LEÃO E O RATO

Estando o Leão dormindo, andavam uns Ratos brincando ao redor dele, e saltando-lhe por cima o acordaram. Tomou ele um entre as mãos e estava para o matar; mas pelo ter em pouco e pelos muitos rogos com que lhe pedia, o soltou. Sucedeu daí a pouco tempo cair o Leão em uma rede, onde ficou liado, sem poder valer-se de suas forças. E sabendo-o o Rato, tal diligência pôs, que roeu brevemente os laços e cordéis, e soltou o Leão que se foi livre em pago da boa obra que lhe fez.

MORAL DA HISTÓRIA:

Duas cousas temos aqui que notar: primeiramente o agradecimento que se deve a qualquer boa obra, e em especial a quem perdoa algum agravo, podendo vingar-se como este Leão podia. Secundariamente, quanto devem os poderosos estimar a amizade de qualquer homem, por mui fraco que seja; porque qualquer pode fazer mal, e se não podem fazer mal, todos podem fazer bem.

O POMBO E SUA MÃE

Estando o pombo enfermo, e receando a morte que via já chegada, rogou de propósito a sua Mãe que fizesse por sua saúde romarias aos Santos. Respondeu ela: De boa vontade, filho, as fizera; mas temo que não te prestem; porque como gastaste a vida toda em males, e sempre com teu esterco sujaste os templos dos Santos, receio que não me queiram ouvir, ainda que os rogue por tua saúde.

MORAL DA HISTÓRIA:

Bem está de entender que significa este Pombo os homens, que toda a vida são estragados, e guardam o arrependimento para a hora da morte. Também esta Fábula ensina quanto risco correm os que agravam aos Santos e bons, e muitas vezes, porque permite Justiça divina que às vezes não sejam ouvidos, quando se querem valer deles.

A PORCA E O LOBO

Estava uma Porca com dores de parir, e um faminto Lobo se chegou a ela, dizendo que era seu amigo, e tinha dó de a ver desamparada, que queria servir-lhe de parteira. Bem entendeu a Porca que vinha ele por lhe comer os filhos, e dissimulando disse que não pariria em quanto ele ali estivesse, que era mui vergonhosa e que se pejava dele que era seu afilhado; por tanto que se fosse e a deixasse parir, e que depois tornaria. Fê-lo o Lobo assim, mas em se desviando dali, a Porca também se foi buscar um lugar seguro em que parir.

MORAL DA HISTÓRIA:

O que tem fama de Lobo, quando faz afagos se há de fugir mais dele, porque os tais nunca fazem bem por virtude, senão por seu interesse. E destes quem não pode livrar-se por força, deve apartar-se com dissimulações, que tanto estará mais seguro de se queimar, quanto estiver mais longe de seu fogo.

O VELHO E A MOSCA

Repousava à soalheira um Velho calvo, com a cabeça descoberta, e uma Mosca não fazia senão picar-lhe na calva. Acudia logo o Velho com a mão, e como ela fugisse mui depressa, dava em si mesmo grandes palmadas, de que a Mosca

gostava e se ria. Disse o Velho: Ride-vos embora de quantas vezes eu der em mim, que isso não me mata; mas se uma só vez vos acertar, ficareis morta, e pagareis o novo e o velho.

MORAL DA HISTÓRIA:

Mancebos há que em zombar e escarnecer dos homens graves e sisudos são mais importunos que Moscas, até que o homem grave pelos castigar lhes descobre uma falta sua, com que os deixa mortos de injuriados. Eu por esta Mosca entendo alguns mui zelosos, que trabalham por dar desgostos a senhores poderosos, ou fazem sobrançerias às justiças e escapam muitas vezes, até que de alguma caem nas suas mãos, e os fustigam de maneira que ficam perdidos de todo.

O CORDEIRO E O LOBO

Andava um cordeiro entre as cabras, e chegou o Lobo, dizendo: Não é este o teu rebanho, vem comigo, levar-te-ei a tua mãe. Respondeu o Cordeiro: Não quero, porque esta cabra me quer muito e me faz mais mimo que a seu próprio filho. Com tudo, replicou o Lobo, melhor estarás com tua mãe. Bem estou aqui, disse o Cordeiro, não quero provar ventura, que por bem que me suceda, não deixará o pastor de me tirar o velo, e ficarei morrendo de frio.

MORAL DA HISTÓRIA:

Mostra-nos esta Fábula que a companhia dos bons amigos é mais segura que quanto parentesco tem o mundo; que o parente sem amor, nem é amigo, nem parente; e o amigo verdadeiro é parente e amigo. Também o Cordeiro nos avisa que quem está bem, não se bula por provar ventura; que esta é para quem não a tem. Quem está quieto, contente-se com a sua sorte, e guarde-se de empiorar.

O HOMEM POBRE E A COBRA

Um Homem pobre costumava afagar e dar de comer a uma Cobra, que em sua casa trazia, e em quanto assim fez tudo lhe ia por diante. Depois por certa agastadura, fez-lhe uma grande ferida. E vendo que tornava a empobrecer, com muitas palavras e humildade lhe pediu perdão. Respondeu a Cobra: Eu de boamente te perdôo, mas não te há de isto prestar para deixares de ser pobre,

que esta ferida sempre me há de doer, e sempre há de estar pedindo vingança de ti.

MORAL DA HISTÓRIA:

Quis Esopo mostrar nesta Fábula o que costumam dizer: A quem agravares não lhe creias, porque a memória dos agravos é eterna. Por tanto, quem injuriou algum amigo seu e depois se reconciliaram, entenda que por muito amigos que pareça estarem, e que no exterior mostre não lhe lembrar nada, lá no mais secreto do coração está guardada muitas vezes a memória da injúria.

O BUGIO, O LOBO E A RAPOSA

Querelou o Lobo da Raposa, dizendo que fizera um furto. Era juiz o Bugio. E a Raposa negou fortemente, disputando ambos diante do juiz, e cada um descobriu quantas maldades sabia do outro. Depois do Bugio os ouvir, pronunciou a sentença, dizendo que o Lobo não provara bem ser-lhe feito furto: mas que ele entendera que a Raposa tinha furtado alguma cousa; por tanto condenava a ambos que ficassem entre si sempre desavindos e suspeitosos.

MORAL DA HISTÓRIA:

Natural é maliciosos e mentirosos cuidarem que não há homem que seja bom, nem verdadeiro; e por estas suspeitas condenarem quantos conhecem e não conhecem. Também mostra esta Fábula que os juízes que para condenar se regem não pela prova, senão por suspeitas; tem saber de Bugio, que tudo sabe para mal, e não para bem.

A FAIA E A CENOURA

A Faia alta e direita não queria dobrar-se ao vento, antes vendo a Canoura, que se maneava facilmente, aconselhava que estivesse sem dobrar-se. Respondeu a Canoura: Tu podes resistir, eu não, que não tenho raízes compridas, nem sou forte como tu és. Dizendo isto, veio um pé de vento com braveza, que arrancou a Faia com raízes e tudo; mas a Canoura, que se dobrou, ficou em pé.

MORAL DA HISTÓRIA:

Mostra bem esta Fábula quão sujeitos estão a desastres os soberbos e os que a ninguém querem dobrar-se, e por outra parte, que segura é a humildade; porque os que sofrem com discricção, e obedecem aos tempos, ainda que pareçam Canouras fracas, permanecem mais que os soberbos.

A FORMIGA E A CIGARRA

No inverno tirava a Formiga da sua cova a assoalhar o trigo, que nela tinha, e a Cigarra com as mãos postas lhe pedia que repartisse com ela, que morria à fome. Perguntou-lhe a Formiga que fizera no Estio, porque não guardara para se manter? Respondeu a Cigarra: o Verão e Estio gastei em cantar e passatemplos pelos campos. A Formiga então perseverando em recolher seu trigo, lhe disse: Amiga, pois os seis meses de Verão gastastes em cantar, bailar é comida saborosa e de gosto.

MORAL DA HISTÓRIA:

Notório é significar-se pela Formiga o homem trabalhador, diligente e cuidadoso. Por tanto nos ensina esta Fábula que sejamos como a Formiga, e não confiemos no que outrem nos há de dar ou emprestar; que com razão se pode negar tudo ao preguiçoso, se é como a Cigarra afeiçoado a música e passatemplos. Porém trabalhar e guardar é caminho certo de não haver mister a ninguém.

O CAMINHANTE E A ESPADA

Achou um Caminhante uma Espada bem guarnecida em meio da estrada, perguntou-lhe quem a perdera e deixara ali. Calou-se ela e esteve queda. Depois sendo outra vez perguntada, respondeu: Ninguém me perdeu a mim, ainda que me vês lançada neste chão, antes eu fiz perder a muita gente; que dando ocasiões a brigas, matei alguns homens, de que resultou ficarem perdidos os matadores, e os mortos mais perdidos, se não estavam em graça; porque caminharam para o inferno.

MORAL DA HISTÓRIA:

Por esta espada entendo os homens desalmados e mexeriqueiros, e que enganam a gente moça por maus respeitos, levando-a a casas de jogo e outras piores, desviando-os da obediência de seus pais; porque estes matam mil vezes

famas, honras, fazendas alheias, e também vidas e almas dos com que tratam juntamente.

O ASNO E O LEÃO

Encontrando-se em um caminho o Asno com o Leão, lhe disse: Subamos a um outeiro, que quero que vejas os muitos animais, que não têm medo de mim. Rio-se o Leão e foi com ele. Urrou o Asno, e fez subir grande número de lebres, coelhos, zorras e outros semelhantes. Disse-lhe então: Que te parece? Vês este medo, com que fogem de mim? Fogem de ti, respondeu o Leão, os fracos, que são os que cobram medo de ouvir bradar; mas eu sem brados desfaço às mãos os mais valentes; pelo que de nenhum, nem de ti tenho temor.

MORAL DA HISTÓRIA:

Certo é, nos que querem mostrar-se valentes, deitam entre gente pacífica brados e bravatas, para com elas espantarem homens fracos e muito quietos; mas o verdadeiro valente afronta-se de gritar e de ouvir; porque pelas obras, e não pelas palavras, se conhece cada hum. Não está na boca a valentia, no coração consiste, e nos braços, parece-se o homem com o Asno ou com o Leão.

A GRALHA E A OVELHA

Uma Gralha ociosa pousou sobre o pescoço da Ovelha, e ali tirava-lhe o pêlo, e lhe arrancava a lã, picando-a por entre ela. Virou a Ovelha o rosto dizendo: Essa manha ruim e antiga houvéreis de deixá-la esquecer, que podeis ir picar um rafeiro no pescoço, e matar-vos-á levemente. Respondeu a Gralha: Já sou velha, e sei muito; e conheço a quem posso agravar, e a quem devo afagar. Não temas que me ponha no pescoço do cão, senão no teu, que me não podes fazer mal.

MORAL DA HISTÓRIA:

Esta Gralha significa alguns mal revoltosos, que de continuo andam molestando com obras e palavras os homens de bem e pacíficos: mas quando encontram algum duro dos fechos, encolhem os ombros, e passam com cumprimentos; porque com Ovelhas são Gralhas, e com Rafeiros são Ovelhas.

O BOI E O VEADO

Por fugir o Veado de um caçador, se acolheu à Vila, e entrando medroso em uma estrebaria, achou o Boi, a quem perguntou se podia esconder-se ali. Disse o Boi que era muito certo o morrer, e que antes devera tornar-se ao mato, e com tudo o escondeu, e o cobriu de palha. Veio o dono da estrebaria, e olhando por ela, viu as pontas do Veado. Foi descobri-lo, e achou o que era. Mas disse-lhe: Já que de tua vontade vieste à minha casa, não te quero matar, senão defender, e fazer muitos mimos.

MORAL DA HISTÓRIA:

Muitos de mofinos, por fugirem da sertã, caem nas brasas: mas há alguns ditosos, como este Veado; e ditoso é quem sendo perseguido, acerta de se acolher a casa de Fidalgo, que o não seja só no nome; porque o tal, ainda que por outra parte deseja beber o sangue daquele, que se vale de sua casa, obrigado do seu pundonor o salva e favorece, deixando ódios de parte por guardar pontos de honra.

O HOMEM E O LEÃO

Andando o Leão à caça, meteu um estrepe no pé, com que não podia bulir-se. Encontrou um homem, e mostrou-lho para que lho tirasse. Fê-lo assim o homem; e o Leão em paga partiu da caça com ele. Dali a muito tempo foi tomado este Leão para certas festas, e nelas se lançavam homens, para que os matasse. Entre eles lhe lançaram este que o curou, que estava prezo por algumas culpas. Porém o Leão não só o não matou, antes se pôs em sua guarda, e o acompanhou toda a vida, caçando para ele.

MORAL DA HISTÓRIA:

Não é só Fábula a de cima, mas história verdadeira, que Apino Políbio Grego a conta, e Aulo Gélio nas noites Áticas, e dele a traz Baptista Fulgoso no quinto Livro. Todos dizem que o homem era cativo, e se chamava Andrônico. Deste Leão, não fabuloso, senão verdadeiro, podemos aprender a ser agradecidos a quem nos faz bem, pois vemos que um bruto tão feroz mostra tamanho agradecimento. Pela mesma ocasião dizem que teve outro Leão S. Jerônimo, que lhe servia de carga e companhia.

O LOBO E A RAPOSA

O Lobo se aparelhou, e proveu sua cova muito bem de mantimento. A Raposa chegou, e disse que obrigada de amor andava traz ele, por vê-lo e servi-lo. Não quero teu serviço, disse o Lobo, que tua intenção não é senão roubar-me e comer-me o que eu tenho. Vendo-se a Raposa alcançada, buscou quem matasse o Lobo, e meteu-se de posse de sua cova e de quanto estava nela; mas sobrevivendo uns caçadores, foi achada dos cães e feita em pedaços.

MORAL DA HISTÓRIA:

Na morte desta Raposa se declara o fim que merecem os que desejam e procuram a morte a seus parentes por herdar deles, que os tais, se chegam a alcançar o que pretendem por meios tão ilícitos, as mais das vezes não o gozam, e muitas o perdem com a vida e honra, porque o mal adquirido, dizem os Latinos, que por entre as mãos se escorrega.

O LEÃO E OUTROS ANIMAIS

Eleito o Leão Rei de todos os animais, prometeu de a nenhum fazer mal. E logo chamando-os a cortes, os pôs por ordem e corria-os, dando-lhes a cheirar o seu bafo. Os que diziam que lhes cheirava mal, os matava. Os que diziam que bem, feria-os. Andando assim chegou à Mona e perguntou-lhe, como a todos, se lhe fedia o bafo. A Mona o cheirou e dizendo que não fedia, se foi. Porém o Leão pela matar, se fingiu doente, e disse que sararia se a comesse. E por esta manha tomou ocasião de a matar.

MORAL DA HISTÓRIA:

Por mais Bugio que o homem seja, não pode livrar-se do Rei tirano, porque ou fale, ou não fale, ou diga bem dele, ou mal, lá se há de buscar uma ocasião de o destruir, e como pode e quer, faz tudo a seu salvo.

O VEADO E O CAÇADOR

Bebendo o Veado em uma ribeira, viu seus cornos, ramos e as pernas delgadas: pareceram-lhe as pernas mal e ficou pesaroso de as ter, e por outra parte tão satisfeito da formosura dos cornos, que se fez soberbo de contente. Ainda bem

não saía da água, quando dá sobre ele um Caçador. Foi-lhe forçado valer-se dos pés, que pouco antes desprezara, e eles o punham em salvo. Mas entrando por um arvoredo basto, embaraçaram-lhe os cornos com os ramos das árvores, com que se embaraçou e foi tomado. Pelo que dizia, vendo-se preso e ferido: Grande parvo fui, que o que me era bom desestimei, fazendo muito caso do que me causou a morte.

MORAL DA HISTÓRIA:

A cegueira deste Veado temos todos os que temos nossa bem-aventurança em haver cousas, que depois de alcançadas, ainda que no princípio nos alegrem, são depois causa de nossa destruição.

Por tanto aprendamos a pedir a Deus nos dê cousas, com que o sirvamos, e nos salvemos; porque ele sabe o que a cada um é bom, e nós não sabemos nada.

A LOMBRIGA E A LIMA

Buscando a Lombriga de comer na tenda de um ferreiro, foi topar com uma lima, e quis roê-la; mas como os dentes não entravam pelo aço, dava-lhe muitas voltas, virando-a de todas as bandas. Enfadada a Lima de andar aos tombos, lhe disse: Que fazes párvua, não sabes que sou de ferro, e lima? Por muito que trabalhes desfarás os dentes, ou com os meus de aço bem temperados cortarei dentes e qualquer arma a quem chegar, em pouco tempo.

MORAL DA HISTÓRIA:

Dois valentes sempre fogem de brigar, e um mau poderoso guarda-se de pelejar com outro poderoso mau. Que entre iguais é a briga duvidosa. Com os menores cada um quer ser lima e ser lombriga. Nos grandes ninguém ousa meter dentes, porque também os tem para morder, e dizem que de corsário a corsário não se perde mais que a monção.

OS CARNEIROS E CARNICEIRO

Estando juntos uns Carneiros, entrou o Carniceiro, e eles não se alvoroçaram, nem fizeram caso disso. Tomou o Carniceiro um e logo o matou, e nem com ver o sangue temeram os outros. Foi por diante, e os matou a todos

um a um até o derradeiro, que vendo-se maniatado, disse: Por certo, com razão padecemos, pois vendo o nosso mal não quisemos entendê-lo. No princípio às marradas nos pudéramos defender, vendo que nos matavam, então não quisemos; agora eu só não posso: e assim acabamos todos.

MORAL DA HISTÓRIA:

Diz o provérbio português que quando arderem as barbas de teu visinho, lances as tuas de remolho. Quem nos perigos alheios não se avisa, não é avisado; que males alheios bem notados são doutrina proveitosa para o prudente; mas quem o é tão pouco, que se deixa ir pelo caminho, por onde vê que se perdem todos, este tal se perderá por sua culpa e morrerá como o Carneiro.

O LOBO E O ASNO DOENTE

Estava o Asno mal disposto, e foi o Lobo visitá-lo, fazendo-se muito amigo. Tomou-lhe o pulso, correu-lhe a mau pelo rosto, e disse que queria curá-lo. Estava o Asno quedo, bem desejoso de se ver cem léguas do Lobo, o qual lhe apalpava os membros todos: perguntou onde lhe doía e apertava-o e arrepelava-o tanto, que disse o Asno: Onde quer que me pões a mão, logo aí me doe; mas rogo-te que te vás, e não me cures, que ido tu, sararei logo.

MORAL DA HISTÓRIA:

Nunca são os maus tão peçonhentos, como quando encobrem a peçonha debaixo de mostras de amor. Porque em fim sempre o Lobo é mau; mas quando afaga é pior: e mostras de piedade no homem cruel são laços que arma para destruir o Asno, que se fia dele.

A PULGA E O CAMELO

Pôs-se uma pulga sobre um Camelo carregado, e deixou-se ir sobre a carga uma jornada, no fim da qual saltou abaixo, e sacudindo-se, disse: Folgo em verdade de me descer: porque tinha dó de ti: agora irás leve com pouca carga. O camelo se rio deste cumprimento e respondeu: Nunca senti se te levava em cima, nem tu podes carregar-me, nem aliviar-me, que não tens peso para isso. A carga que eu levo, essa sinto. Tu não tens peso para te sentirem.

MORAL DA HISTÓRIA:

Homens há leves como pulgas, que por se mostrarem de muita importância, e privados de senhores, não fazem senão entrar e sair em suas casas, e tomam a mau a outros, que vão como os Camelos carregados de negócios, somente por meterem em cabeça a quem sabe pouco deles, que são tidos em conta ou que prestam para alguma cousa.

O CAÇADOR E AS AVES

Concertava um pobre Caçador as varas de visco, e as Aves olhando, estavam cantando à sombra das árvores, e gabando-o de benfeitor e primoroso. Um pássaro já experimentado disse aos outros: fujamos logo todos, porque este que vedes, não quer mais que enviscar-nos e prender-nos. Andemos pelo ar até ver o que acontece a outrem, porque este e todos como ele, quantos de nós houverem às mãos, ou lhes torcem o pescoço, ou lho cortam, e mortos ou presos nos metem em sua taleiga.

MORAL DA HISTÓRIA:

Semelhantes são a estas aves os que não conhecem o seu mal, senão quando caem nele. Mas o pássaro velho significa qualquer homem sisudo de experiência, cujo conselho bem recebido muitas vezes livrou muita gente da morte, e Cidades ou Províncias inteiras de total destruição.

O CERVO E O CAVALO

Pelejaram algumas vezes sobre o pasto o Cervo e o bom do Cavallo, e porque o Veado com os cornos fez sempre fugir o Cavallo, foi-se a um homem e disse-lhe: Põe-me um freio e uma sela, e sobe sobre mim, e matarás um Veado, que aqui anda. Fê-lo o homem assim: e morto o Veado, quis o Cavallo que se apeasse; mas o homem acolheu-se à posse e o Cavallo ficou sempre sujeito ao freio e sela, e a andar debaixo.

MORAL DA HISTÓRIA:

Esta Fábula traz Horácio no primeiro livro das Epístolas e declara entendendo pelo Cavallo aquele que por comer ou levar vantagem a outro aceita servir a

alguém, porque ficará sempre servo por não se contentar com o que lhe bastava.

O BILTRE E MAIS PÁSSAROS

O Biltre convidou a banquete todas as outras aves, dizendo que queria solenizar o seu natal. Vieram muitas delas, e recolhendo-as todas em um aposento, depois que foram horas de cear, como todas estivessem assentadas esperando, vem o Biltre, e cerra as portas, e começa a matá-las a uma e uma. Todas com medo avoejavam, por não haver alguma que se atrevesse com ele. E em fim ele sem piedade as matou, porque para isso as convidou, ou ao menos para as pilhar.

MORAL DA HISTÓRIA:

Quando ricos e poderosos fazem aos pequenos mais honra do que costumam, ou os convidam com uma mercê de boca, ou com uma cadeira grande fora do costume, por averiguado tenham que ou saíam mortos ou pelados. Porque os tais ordinariamente não estimam os outros, senão para seu proveito para se servirem ou das pessoas ou das fazendas.

A RAPOSA E O LEÃO

Fingindo-se o Leão enfermo, visitavam-no os outros animais; e de quantos entravam na cova, nenhum deixava sair. Eles obedeciam como a Rei; mas o Leão a um e um os comia todos. Por derradeiro chegou a Raposa à porta da cova, e perguntou-lhe como estava? Respondeu o Leão, porque não entrava a vê-lo? Respondeu a Raposa que não era necessário, que devia estar a casa cheia de gente, que ela via muitas pegadas dos que entravam, e nenhuma dos que saíssem para fora.

MORAL DA HISTÓRIA:

Também Horácio explicou esta Fábula, comparando-se a si mesmo com a Raposa, dizendo que não queria seguir os vícios dos Romanos, porque viu como nenhum escapava do castigo. Serve-nos logo de aviso, que pois vemos por experiência os males sem remédio em que dão os homens estragados, que

perseveram em seus erros, fujaos nós, como fazia esta Raposa, de seguir suas pegadas, não nos aconteça outro tanto.

O CARNEIRO GRANDE E OS PEQUENOS

Três carneiros moços, e um marreco andavam pastando. Saiu o velho correndo e fugindo. Os outros estavam pasmados sem saber a causa, e como não entendiam seu perigo, riam-se do medo e fugida do marreco, o qual vendo-os escarnecer lhes disse: Vós sois loucos e ignorantes; não vedes que quando vêm o carniceiro sempre mata os maiores? Eu por isso fujo. Mas quando ele vier e vos matar, pesar-vos-á de terdes escarnecido e esperado.

MORAL DA HISTÓRIA:

Ordinária causa é néscios e cobardes zombarem de sisudos e esforçados, e os menores dos maiores, porque como os grandes arriscam mais nos perigos, procuram com aviso guardar-se deles. Mas os néscios, como não julgam isto por aviso, senão por cobardia, nem entendem as cousas, como carneiros mamões, zombam simplesmente dos homens abalizados.

O LEÃO E O HOMEM

O homem com o Leão altercavam sobre qual era mais valente. O Homem para provar sua tenção, o levou a um sepulcro, onde estava de pedra um homem afogando um Leão, que tinha debaixo de si. O Leão se rio de ver isto, dizendo: Se não fora homem o que isto aqui pôs, pudera ter algum crédito, mas sendo homem é suspeito. Por tanto, deixemos pinturas e provemos isto pelo braço. E logo isto dito estendeu o Homem no chão, e o matou com muita facilidade.

MORAL DA HISTÓRIA:

Mostra esta Fábula que é cousa perigosa querer com palavras aparentes contradizer a verdade maciça; porque fazendo-se depois prova, fica a mentira manifesta, e quem a defendia morto e injuriado: que a injuria é no homem digna de se sentir, e achar-se nele que nega maliciosamente a verdade.

A PANELA DE BARRO E A DE COBRE

Uma corrente de água levava duas panelas, uma era de cobre, outra de barro, e cada uma ia por sua banda. Disse a de Cobre à outra: Cada uma de nós só não tem força para fazer resistência à água, mas chega-te a mim, e ambas poderemos resistir-lhe. Não quero, disse a de barro, nem me vêm bem, porque se na água tu me deres uma topada, ou ta der a ti, de qualquer maneira tu ficarás sã, e eu far-me-ei em pedaços.

MORAL DA HISTÓRIA:

Quem faz bando com homem mais poderoso corre grande risco, porque em fim os poderosos são de cobre, e os pobres de barro, e sempre quebra a corda pelo mais fraco. E se dois poderosos tem brigas, e depois querem concertar-se, fazem tão pouco caso da honra dos pobres, que os ajudaram nelas, que muitas vezes fazem concertos como fez Augusto com Lépido e Marco Antônio, que por se vingarem de seus inimigos, cada um entregou seus amigos à morte.

O ÁSPIDE E SEU HÓSPEDE

Um bicho peçonhento por nome Áspide se recolheu em casa de um Homem, que o agasalhou e manteve-o alguns dias. Era o bicho prenda e pariu ali, e um dos filhos mordeu um filho do homem, de que morreu. O Áspide, que viu o homem chorar diante dele, matou todos os filhos, e se saiu de casa, e nunca mais tornou a ela.

MORAL DA HISTÓRIA:

Esta Fábula traz por verdadeira Batista Fulgoso no quarto Livro, e com o exemplo deste bicho repreende os que não são agradecidos aos benefícios que recebem: pois um bichinho irracional e de natureza mau mostrou a quem lhe fez bem tão grande agradecimento.

O CÃO E SEU DONO

Um Cão de um Hortelão chegou ao poço, e como em baixo viu sua figura, começou a afeiçoá-la, e tanto fez e buliu, que caiu no poço. Andava o Cão meio afogado e o Hortelão com dó dele desceu abaixo junto da água para o tirar, e

como lhe pegasse, o Cão lhe meteu os dentes no braço e o atravessou; o Hortelão o largou com a dor, e o Cão daí a pouco afogou-se.

MORAL DA HISTÓRIA:

Por este Cão se entende o pecador, que quando alguém com bons conselhos o quer tirar do poço dos pecados vira-se a mordê-lo com afrontas de obras; mas o que ganha o tal é que seu ajudador o larga, e se Deus não lhe acode, afoga-se e acaba em seus vícios, para ir começar a pagá-los no inferno.

A RAPOSA E A DONINHA

A Raposa andava faminta, e por uma greta de parede entrou em um celeiro de trigo. Como lá se achou dentro fartou-se à vontade, e engrossou de maneira, que não pôde sair por onde entrara. Disse-lhe então a Doninha: Se te agastas de te ver preza, torna a adelgaçar, e poderás sair. Disse-lhe a Raposa: Tu tens razão, e eu antes quero padecer fome, que estar preza.

MORAL DA HISTÓRIA:

Quanto o homem mais tem, mais prezo está, e mais sujeito é. O pobre pode entrar e sair sem pejo, e se não come tanto, tem maior liberdade, a qual por nenhuma fartura deve trocar o homem sábio.

A NORA E A SOGRA

Uma mulher casada, que tinha sogra, estava muito mal com ela, e uma à outra se tinham má vontade. Acertaram de mandar a esta mulher certas cousas de doce, entre as quais vinha uma mulher, feita de espécie. E disse quem as trazia, que aquela era a figura de sua sogra. Ela partiu uma migalha, que meteu na boca, e tornando-a a cuspir, disse: Basta que é sogra, que até de açúcar amarga.

MORAL DA HISTÓRIA:

Além de mostrar esta Fábula uma cousa tão ordinária como é ódio entre noras e sogras, também nos ensina quão má cousa é o ódio, e quanto para fugir, pois

faz que o açúcar pareça fel, como se vê muitas vezes, quando a boa obra que um inimigo faz à outro, ele a não quer aceitar, antes a despreza e tem por má.

O ASNO E A COBRA

Pediram os homens a Júpiter, em paga de um serviço, que nunca envelhecessem, o que ele concedeu. Tomou a mocidade, e pô-la sobre um Asno, e mandou que a levasse aos homens. Indo o Asno seu caminho chega a um ribeiro com sede: estava nele uma Cobra, e disse que o não deixaria beber daquela água, se não lhe desse o que levava às costas. O Asno, que não sabia o preço, lhe deu a mocidade pela água. Pelo que os homens ficaram envelhecendo, e as Cobras renovando-se cada ano.

MORAL DA HISTÓRIA:

Mostra esta Fábula que as cousas de importância não se cometem a homens parvos, porque qualquer manhosa cobra com qualquer coisa os vence, e faz que descubram o segredo alheio, ou desbaratem os negócios, que lhes são cometidos, cujo peso e importância não entendem.

O CORVO E O ESCORPIÃO

Saía da sua toca um Escorpião, e o Corvo que o viu, abateu-se à terra e o levou nas unhas: depois de voar um espaço, para comer o que caçara pousou no chão; mas o Escorpião picou o Corvo de maneira que caiu morto, e ele foi livre em paz.

MORAL DA HISTÓRIA:

Este Corvo significa os que, como diz o adágio, vão buscar lã e tornam tosquiados. Assim acontece muitas vezes que quem arma a trampa, esse cai nela, e o que ordena a traição morre em poder de traidores.

O LADRÃO E O ANJO

Dormia o Ladrão ao longo de uma parede, e viu entre sonhos um Anjo, que o acordava, dizendo: Levanta-te e guarda-te daqui. Acordou o Ladrão, e apartando-se da parede, viu-a vir de súbito ao chão. Ficou deste acontecimento muito alegre e soberbo, crendo que por sua virtude o guardara Deus. Mas tornando a dormir, tornou a ver o Anjo que lhe dizia: Não te ensoberbeças, que se ontem te guardei, foi porque não era aquela tua morte, senão a da força para que estás guardado.

MORAL DA HISTÓRIA:

Na força do inferno vão a parar os que das mercês, que Deus lhes faz, tomam ocasião de o ofender, e serem mais soberbos. Esta Fábula nos avisa e ensina que a muitos favorece a fortuna por seu mal. Muitos vivem, que lhes fora melhor morrer. Pelo que um filósofo escapando de uma casa, que se arruinou e matou muita gente, disse com humildade: Oh ventura, para que ocasião me terás guardado?

A LOMBRIGA E O CABRITO

Andava pastando uma Cabra com o filho apôs si, e pisou uma Lombriga acaso com os pés, ela assanhada, levantando-se um pouco, picou a Cabra em uma teta; mas como o filho logo viesse a mamar, e chupasse com o leite a peçonha da Lombriga, salvou a Mãe, e ele morreu.

MORAL DA HISTÓRIA:

Mostra-se nesta Fábula o que acontece muitas vezes nesta vida pagar o justo pelo pecador, como aqui pagou o filio pela Mãe, e muitos filhos são temporalmente castigados pelos pecados dos Paes. Antes o mundo é tão contrário aos justos, que como o Poeta diz; Mata as pombas, e cria os corvos; quer dizer: Sustenta aos maus, e persegue os inocentes.

A RAPOSA E O LEÃO

Tinha a Raposa sua cova bem fechada, e estava dentro gemendo, porque estava enferma; checou à porta um Leão, e perguntou-lhe como estava, e que lhe

abrisse, porque a queria lamber, que tinha virtude na língua, e ele lambendo-a, logo havia de sarar. Respondeu a Raposa de dentro: Não posso abrir, nem quero; creio que tem virtude a tua língua, porém é tão má vizinhança a dos dentes, que lhe tenho grande medo, e por tanto quero antes sofrer-me com meu mal.

MORAL DA HISTÓRIA:

Avisa-nos esta Raposa que quando nos oferecem alguma obra boa, notemos as circunstâncias dela, que às vezes são tais, que custam muito mais do que vale a obra pia.

HÉRCULES E OS PIGMEUS

Na terra dos Pigmeus, gente que não chega a dois palmos, estava Hércules dormindo à sombra de uma árvore com a sua maça a par de si, e a pele do Leão à cabeceira. Juntaram-se muitos Pigmeus apostados a matá-lo, e foram pegar nele, de modo que acordou. E só enxotando-os com a pele do Leão, como quem enxota mosquitos, matou grande número deles, e tornou-se a deixar dormir.

MORAL DA HISTÓRIA:

Alciato nos seus emblemas pôs esta Fábula. Entende por estes a gente temerária, que não medindo suas forças, comete cousas maiores do que eles podem acabar; e nasce daqui que morrem parvoamente, e ficam para sempre afrontados.

O CAÇADOR E A LOMBRIGA

Um Caçador armava laços aos Gaviões, e com a espingarda também andava a matar tordos. Sucedeu que trazendo o sentido nas árvores, e os olhos, pisou uma Lombriga com o pé, sem o saber, a qual o mordeu no calcanhar, de que inchou logo. Estando assim acabando, disse: Morro, e com razão me castigou a Lombriga, porque estando na terra quem podia matar-me, eu me ocupava em querer matar os que andavam sobre as nuvens.

MORAL DA HISTÓRIA:

Nesta Fábula do Caçador se repreende a vaidade dos Astrólogos, que querem adivinhar as cousas do Céu, não entendendo, pela maior parte, as da terra, e gastam o tempo em querer com o entendimento caçar, e saber as mortes alheias, e nunca entendem a sua, nem sabem guardar-se dela.

A CIGARRA E A ANDORINHA

A Andorinha criava seus filhos, e buscando-lhes de comer, tomou uma Cigarra no bico. Pedia-lhe ela que a soltasse, e alegava-lhe que eram ambas conformes, porque ambas eram músicas, e ambas cantavam somente pelo Verão. Pois só por isso, disse a Andorinha, porque tu me arremedas, te matara eu, ainda que meus filhos não tiveram necessidade.

MORAL DA HISTÓRIA:

Prova-se nesta Fábula que o oficial de teu ofício é teu inimigo.

O SOLDADO E O PÍFANO

Um Soldado velho aposentado, e enfadado da guerra, por se tirar de ocasiões, assentou de queimar todas as armas que tinha, e pondo-o em efeito, tinha entre elas um Pífano, o qual lhe rogava que não quisesse queimá-lo, dizendo que ele não era arma, nem instrumento de matar ou ferir, pelo que não merecia pena. Tu a mereces maior, respondeu o Soldado, e a ti hei de queimar primeiro, porque não prestando tu para pelejar, atiçavas os outros se matassem na peleja, e logo o queimou com as armas.

MORAL DA HISTÓRIA:

Na figura do Pífano se mostra o castigo que merecem alguns cobardes, que servem de urdir brigas com a língua, e tomam o ofício do diabo, tecendo meadas, e incitando a mal, gente pernicioso na República, e que os delitos, que por sua causa se fizessem, deveram ser castigados em dobro.

O HOMEM E A BURRA

Um Homem trabalhador cavava em uma horta de noite e de dia em plantar couves e outra hortaliça, e tanto que cresciam, metia dentro uma burra, que não fazia senão comer-lhas, pelo que com todo o seu trabalho cada vez era mais pobre. E queixando-se disto a um visinho, respondeu-lhe: Vós sois cego. Quanto trabalhais vos come a burra. Trabalhai menos, e guardai dela vossa hortaliça, luzir-vos-á o trabalho.

MORAL DA HISTÓRIA:

Nesta Fábula se pinta o que acontece ao homem amancebado, ou casado com mulher desperdiçada. Cava e sua, e ela lhe consome tudo. Do que o visinho lhe aconselhava podemos aprender a fugir de más mulheres, e olharem por suas fazendas os que as tem próprias e desbaratadas, se queremos que nos luza o que trabalhamos.